

***São Cristóvão: a encarnação do panteísmo em Eça de Queirós***

***São Cristóvão: the incarnation of pantheism in Eça de Queirós***

Samuel Anderson de Oliveira Lima \*

sanderlima25@yahoo.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

**RESUMO:**

A novela *São Cristóvão* de Eça de Queirós, autor português do final do século XIX, traz em sua narrativa o ideal do panteísmo. A construção da história é feita através do desenvolvimento da vida do protagonista Cristóvão e a narrativa segue um percurso linear, que vai desde o nascimento até sua morte. Este trabalho objetiva apresentar, ao leitor, esse percurso com vistas a identificar as marcas do panteísmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Panteísmo. Eça de Queirós. Narrativa.

**ABSTRACT:** The novel *São Cristóvão* by Eça de Queirós, a Portuguese author from the late 19th century, brings in its narrative the ideal pantheism. The story is built through the development of the life of the protagonist, Cristóvão, and the narrative follows a linear path, which goes from his birth to his death. This study aims to present this path to the reader in order to identify the marks of pantheism in this work.

**KEYWORDS:** Pantheism. Eca de Queiros. Narrative.

---

\* Professor do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Doutor em Literatura Comparada com estudo da poética barroca de Gregório de Matos e suas marcas antropofágicas.

## Introdução

*As árvores, as florescências, as ervas,  
as folhas, são também formas de vida,  
santas e cheias de Deus.*

*Eça de Queirós*

Parece um discurso de ecologista, querendo proteger a fauna e a flora de seu país ou talvez um vegetariano incentivando a humanidade para a busca de uma alimentação saudável; no entanto, é a voz de um narrador que enuncia uma ideologia, um sujeito que apresenta seu discurso de forma a envolver o leitor – envolver no sentido de persuadi-lo, de provar a ele (o leitor) a eficácia daquilo em que crê. Nesse discurso, é notória a apresentação de características panteístas, as quais se configuram a partir do mito do deus Pã<sup>1</sup> – a divindade está na natureza.

Eça de Queirós demonstra, na maioria dos seus textos, o ideal panteísta, seja na voz do narrador e dos personagens – apenas com alguma menção ao panteísmo, que se mostra por meio da construção do sujeito da enunciação –, seja, por outro lado, na caracterização mesma do personagem, ou seja, trazendo sobre si os caracteres dessa ideologia, simbolizando o próprio Pã. Essa caracterização se faz perceber na novela eciana *São Cristóvão*, em que o personagem principal carrega, literalmente, sobre seus ombros os traços do ideário panteísta. É ele quem proporcionará ao narrador a eficácia desse discurso. Por isso mesmo, objetivamos traçar um perfil do panteísmo através da narrativa da vida de Cristóvão, que vai, num processo de amadurecimento, seguindo todos os passos da teoria panteísta até culminar na apoteose de sua vida, que será sua morte. Veremos, também, que o Cristóvão da novela eciana é, na verdade, o santo São Cristóvão, o que carrega o menino Jesus nos ombros e com Ele toda a humanidade, conforme pode ser atestado na imaginária católica.

---

<sup>1</sup> Pã, da mitologia grega, é o deus dos bosques, dos rebanhos e pastores, dos campos. Normalmente é representado com orelhas, chifres e pernas de bode. Com essa imagem, causa pânico. Através dessa figura mitológica, surge o panteísmo que prega a natureza como uma divindade: Universo (natureza) e Deus são idênticos.

## **Cristóvão-Pã**

Cristóvão nos parece mais que uma personificação do deus Pã: ele é, além disso, um “santo”<sup>2</sup>, cujo propósito é o de ajudar o próximo, trabalhar para o outro, carregar a humanidade nos ombros com todas as suas penas, mostrando com isso os ideais do cristianismo – há, de certa maneira, analogia com Cristo<sup>3</sup> como aquele que pregou amor ao próximo, que se encarnou no outro, no homem, na mulher, na criança, enfim, na humanidade, como essência de sua missão. Da mesma forma ocorre com a vida de Cristóvão. Essa obra vai delineando essa informação desde o nascimento do personagem até sua morte. Eça de Queirós produz uma novela hagiográfica, pois revitaliza a lenda da vida de São Cristóvão e vai dar visibilidade ao traço mais importante do santo, que é o contato com a natureza, quase como uma fundição entre os dois. Nas entrelinhas do texto, será possível observar quase uma fundição entre homem (Cristóvão) e a natureza. Muitas vezes os dois parecem ser um só, os dois são raízes, são caule, são broto. No meio da floresta, o jovem Cristóvão se camufla, se metamorfoseia, se transforma, se realiza. Ele é musgo, é sapo, é árvores, é formiga. Ele é.

No primeiro plano, o texto da novela em análise traz evidências do ideal panteísta por meio da caracterização da personagem eciana: logo ao nascer, a imagem física do bebê Cristóvão não era normal, confrontava com o estereótipo do belo humano. Ou seja, a descrição do aspecto físico é já um prenúncio de quem será aquele ser ou em que se tornará. O texto abaixo assim nos confirma:

[...] Mas o pobre lenhador que estendera os braços, como se ante ele se abrissem as portas do céu – recuou espavorido. O seu filho era um monstro!

Escuro, coberto duma pele rugosa e áspera; com uma face vaga, informe, onde as feições faziam como vagas protuberâncias nodosas; as mãos enormes enclavinhadas sobre o ventre felpudo; torto das pernas que findavam em dois pés agudos, como os dum fauno, - todo ele parecia *uma raiz sombria, raiz de árvore estranha*, ainda negra da *terra negra* de fora arrancada. E nem gemia. *Era como um rudimento dum ser vegetal.*

---

<sup>2</sup> São Cristóvão é um dos santos mais populares do mundo, mas pouco se sabe de sua vida. Ele é venerado por várias igrejas: a católica, a ortodoxa, a ortodoxa oriental, a anglicana, a luterana e pela umbanda. É padroeiro dos peregrinos, dos motoristas e dos viajantes.

<sup>3</sup> Cristóvão significa aquele que carrega Cristo, por isso é possível enxergar semelhanças entre os dois personagens.

Duas lágrimas amargas e lentas rolaram pela barba do bom lenhador. Deu um passo para a beira do catre. Na face branca, e como morta, sua companheira, duas lágrimas corriam também, como amargura dum sonho desfeito (QUEIRÓS, 1912, p. 30, grifo nosso).<sup>4</sup>

Nessa descrição, percebe-se a dor sentida pelos pais de Cristóvão ao contemplarem terrível ser. E já aí, o ideário panteísta é mostrado através de um vocabulário sugestivo nas palavras “raiz”, “terra”, “árvore” – elementos da natureza, que, uma vez submersos na voz do narrador, abrem caminhos para o desenrolar do tema recorrente em *Eça de Queirós*. O menino “era como um rudimento dum ser vegetal”. Não pareceria homem, humano; era vegetal.

No exemplo lido anteriormente, percebe-se que é construída também a figura do Titã<sup>5</sup> – um gigante que com sua fealdade assusta ao ser contemplado. Portanto, Cristóvão carrega sobre si a imagem do deus Pã e do Titã; aparece sob a imagem de um monstro, que aparentemente denota medo, terror, apreensão, aversão, susto. No entanto, passa também àquele de quem se aproxima uma imagem de amor, bondade, compaixão, ternura, simplicidade, ingenuidade, humildade, que podem ser vistos em cada ato do gigante Cristóvão, como se vê a seguir:

Em cada instante os gritos dos doentes abandonados o detinham. De rastos, ele introduzia o seu vasto corpo pelas escadas estreitas, e ia dar de beber aos doentes, limpar-lhes as imundícies, oferecer-lhes o seu vasto peito para eles morrerem sobre o calor dum coração humano. Por vezes um moribundo queria a extrema-unção; mas os padres tinham fugido, os raros que havia não bastavam para tantos moribundos; e Cristóvão, tomando um crucifixo, de joelhos, bradava junto do leito fétido: “Jesus, meu senhor, sê com este infeliz” (p. 86).

Há uma mistura de amizade e servidão no que lemos acima; Cristóvão é um ser plasmado pelo horrendo externamente e pelo belo em seu interior; é um ser que soube usar o que lhe parecia (aos outros) feio para o engrandecimento de sua

---

<sup>4</sup> A partir daqui, em todos os exemplos da novela, colocaremos apenas a página, por se tratar da mesma obra.

<sup>5</sup> Os Titãs, na mitologia grega, são aquelas entidades que enfrentam Zeus e os demais deuses olímpicos na busca pelo poder. Eles nasceram no início dos tempos. Eram os ancestrais dos futuros deuses olímpicos e também dos próprios mortais; é como se fossem deuses e humanos. Eles nasceram da união entre Urano, que representava o Céu, e Gaia, que seria a Terra. Todos tinham o poder de se transformar em animais. Hesíodo, poeta grego, foi um dos principais autores da Antiguidade que narraram o surgimento dos titãs.

figura. Na verdade, ele passa pelo processo de metamorfose, cuja nova identidade é o inverso daquilo que era antes, isto é, a segunda forma é o inverso da primeira – como a borboleta vinda da larva. Mas no caso de Cristóvão não há uma transformação física, seu corpo continua com aquela aparência, assustando as pessoas à primeira vista, porém o que brota de seu coração é amor e amor ao próximo (um amor já enraizado no seu coração desde a infância). Não só ao próximo, já que, no texto, em vários momentos, sua paixão se volta para a natureza, fazendo dela sua confidente, sua amiga, pois só ela o entende, só ela o ama. É dessa maneira que o narrador vai construindo o conceito de panteísmo – que nos parece o mais evidente na novela – através do processo enunciativo do personagem principal.

Já em tenra idade, o menino Cristóvão mostra sua afeição pelos seres vivos, quando “sorrindo às formigas que lhe trepavam pelas pernas peludas” ou quando “diante da lareira, onde a lenha estalava, sorria, pasmadamente, sacudindo as mãos cheias de terra”. Aquela criatura, com “grossas mãos” segurando a terra fez disso seu entretenimento; sua infância passou brincando com os animais – os amigos que não haviam em crianças por ali. Isto lhe contentava bastante, de forma que “um contentamento enchia o coração de Cristóvão, tornando a ver os castanheiros do adro” (p. 47).

O instituto elucidado por Cristóvão para com a natureza, que resulta na caracterização do panteísmo, é notado no trecho que ocupa quase uma lauda, significando o quanto isso é preponderante para a figuração de Pã em Cristóvão. Este começa a ter um sentimento de amor às criaturas e à floresta, na voz do narrador que diz:

Então, pouco a pouco, tomou mais familiaridade com florestas e prados. Já corria a sua grossa mão sobre a doçura dos musgos; trepava aos troncos para espreitar para dentro da densidão das folhagens; estirava-se no meio das selvas altas, rolando os seus cabelos crespos pela brancura das margaridas. *E ao mesmo tempo descobria, dentro de toda esta natureza, uma vida múltipla, vasta, activa e maravilhosa.* A terra, que ele remexia com os seus dedos grossos, estava toda mole de vermes que a habitavam; cada hastezinha de relva abrigava um povo de insectos, mais numerosos que a gente da aldeia, aos domingos, sob os castanheiros do adro; cada folha cobria uma asa; nas espessuras, longos dorsos peludos roçavam as suas pernas lentas; olhinhos brilhantes espreitavam de entre a negrura das feras. *Um confuso, obscuro amor por todos estes seres, crescia no seu coração simples.* Passava horas encantadas,

estirado nas ervas à beira duma poça clara, admirando os insectos de grandes patas que riscam a água lisa; chamava com as mãos, sorrindo, todos os veados que, à orla das clareiras, subitamente mostravam a face majestosa e séria, entre os troncos dos castanheiros; e parava nos carreiros verdes de humidade e musgo para acariciar o dorso dos sapos.

Assim a floresta se lhe tornava familiar e íntima, e nela passava os dias, nos retiros mais densos, *enterrado* entre as verduras, agachado contra uma rocha, de braços sobre uma poça de água, sem se mover, vegetando na doçura infinita de sentir os seus longos cabelos emaranhados nas folhas, os ombros aquecidos pelo mesmo sol que batia nas pedras, as rãs saltando sobre os seus pés como sobre troncos meio enterrados nas ervas húmidas. Só a fome o fazia recolher à cabana. Os seus passos desprendiam-se a custo, como se já tivesse raízes: todo ele cheirava a torrão e humidade, e era, na penumbra da tarde, como um tronco que se separava de outros troncos (p. 47-48, grifo nosso).

Quanta vida é demonstrada no discurso narrativo lido acima, e Cristóvão cresce em meio a toda essa vida, deitado nas “relvas altas”, observando cada passo dos veados, dos insetos, misturando-se à terra, à água, ao ar, até mesmo acariciando “o dorso dos sapos”. É, na verdade, sua família, pois foi com essa vida que ele passou a maioria do tempo; assim crescia nele um amor confuso e obscuro por todos esses seres. Por que confuso e obscuro esse amor? Talvez pelo simples fato de que Cristóvão estava começando a absorver toda a magia que a natureza lhe trazia e tudo se tornava num mar de confusão e obscuridade. Todo esse contato com a vegetação e com os animais fez com que Cristóvão se misturasse à natureza, sem que quisesse retornar às pessoas, quase tornando-se um ente excepcional, inumano “como se já tivesse raízes”.

Poderíamos concluir nosso discurso acerca do panteísmo com apenas esse trecho da novela eciana, visto que apresenta por completo a recorrência desse tema. No entanto, no desenrolar da trama, o narrador vai dando mais exemplos da construção desse processo, que culminarão na apoteose de Cristóvão no último capítulo.

Conforme Cristóvão vai crescendo, seu amor pela natureza vai aumentando e chega a ponto de ele sonhar com ela num processo de personificação, como visto à página 49, no quarto capítulo:

De noite sonhava com ramagens tenras que lhe acariciavam a face, com águas claras e frias que fugiam, cantando, entre os seus pés nus, enterrados na área. [...] era em todo o seu coração como um

desejo de abraçar, num abraço inteiro, toda a terra que via, desde as flores silvestres dos caminhos até a vasta floresta que cobria as colinas, magnífica e sombria.

O personagem promove uma espécie de meditação panteísta e “quase esquecera os homens” (p. 54); ele se transforma passo a passo em natureza e já “as feras não tinham medo dele; as aves pousavam sobre os seus braços como sobre troncos dobrados” (p. 54).

Algo recorrente na narrativa e que aponta para a irrupção das ideias panteístas ecianas é a busca da montanha como lugar de refúgio, de aconchego, de paz, feita pelo personagem protagonista. Sempre que se desiludia com as pessoas, e isso era uma constante em sua vida, procurava a montanha, subia para aquela que o amava, para a mãe-natureza. Isto significa a ascensão do personagem: o herói Cristóvão só se encontrava de verdade quando estava num lugar onde os outros precisassem dele ou onde ele lhes fosse útil, onde se sentisse querido; e quando isso não ocorria, ia para quem nunca lhe faltava – a natureza, no alto, porque “diante dele, nada havia, senão a montanha” (p. 101). Essa imagem de um ser que para sua glória necessitava subir a montanha, torna-se uma imagem apoteótica, que será contemplada no clímax da narrativa.

Como estamos notando, a narrativa de Eça de Queirós, a exemplo da nova *São Cristóvão*, envolve-nos com a magia do panteísmo, que vai sendo pincelada ao longo do texto nos atos do personagem principal. O narrador faz questão de o comparar a elementos da natureza animal e vegetal, como se pode observar nos trechos que seguem: “Como um cão meio abandonado, os seus olhos, olhos simples e bons imploravam uma carícia” (p. 136). Também em associação com fenômenos naturais:

De novo Cristóvão correu o mundo, servindo os homens. Pelos descampados e pelos povoados, por longos Invernos, por longas Primaveras, correu o mundo, oferecendo os seus braços. Os anos tinham passado, e Cristóvão era mais velho que os mais velhos carvalhos (p. 172).

A sua ternura abrangia o Universo. Por vezes, de noite, olhando o céu, vinha-lhe como um grande amor pelas estrelas. Elas eram claras e puras. Um momento brilhavam, depois partiam. E a Lua que chegava então era tão triste, que um suspiro, sem som, levantava o coração de Cristóvão. Para onde iam assim todos aqueles astros,

correndo, correndo? E viera a pensar que seriam almas subindo, subindo nos espaços, mais altas à medida que era mais pura, ganhando uma língua por cada bondade que realizavam, e tendendo assim à perfeição, até se tornarem dignas de se abismar no seio sublime de Jesus (p. 174).

A voz narrativa leva o leitor, desta vez, a se tornar conhecedor da filosofia panteísta, que serve de argumentação para a adesão à religião da natureza. Ela diz justamente que, quando você morre, não sai do plano terreno, mas fica no mundo em forma de natureza.

Chegamos ao último capítulo, Cristóvão já está velho como os velhos carvalhos. Ele não queria mais ser um andarilho, queria simplesmente parar num local e ali ajudar a quem necessitasse. “E viu um largo rio, negro e tumultuoso, que corria espumando sobre as rochas que o cortavam, com um mugido sombrio” – imagem sugestiva da morte, as águas fortes daquele rio parecem ter a força que conseguirá destruir Cristóvão. Ele fixa suas “raízes” à margem do rio caudaloso, transformando-se numa espécie de ponte, para passar os viajantes de uma margem a outra. Mas a força do gigante já não era a mesma, agia com dificuldades ante a labuta da vida, de sempre ajudar o próximo.

A apoteose do personagem se dá numa “noite de grande Inverno, em que nevava, nevava, e o rio muito cheio mugia furiosamente” (p. 179). A natureza anuncia algo, as águas estavam revoltadas, querendo tragar o grande homem. Cristóvão é surpreendido no meio daquela noite gelada por um menino que pede para passar o rio e subir o monte. Mesmo cansado e na escuridão daquela noite, Cristóvão não hesita e carrega aquela criança nos ombros por entre as águas turbulentas do rio; foi, certamente, para ele, a passagem mais difícil; o garoto pesava muito, porque o gigante não carregava apenas o menino, mas com ele carregava a humanidade. Já no topo do monte Cristóvão desfalece, não tem mais forças para continuar; o deus Pã, o gigante Titã, estava morrendo, mas antes disso ele é elevado aos céus para se encontrar com Jesus, conforme afirma o texto: “[...] e no esplendor incomparável reconheceu Jesus, nosso Senhor, pequenino como quando nasceu no curral, que docemente, através da manhã clara, o ia levando para o céu” (p. 184).

Foi a última subida à montanha. Cristóvão tem sua apoteose; após passar por tudo na vida, teve o paraíso como descanso (recompensa), lá não há dor nem

sofrimento. Era um presente merecido, afinal ele carregou a todos e inclusive o menino-Deus às costas.

### **Considerações finais**

Na análise literária, é necessário observar as marcas semânticas vistas aqui, porque elas denunciam nas entrelinhas a ideologia do autor. E Eça, na novela *São Cristóvão*, além de outras coisas, apresenta ao leitor um ideal panteísta. Para isso, o narrador eciano cria um personagem figurativo, que se metamorfoseia em Pã, Titã, Buda, Cristo.

Luiza Nóbrega, num de seus ensaios sobre a narrativa eciana, apresenta um Eça construtor de personagens múltiplos, permeados por filosofias, que parecem recorrentes em todos os seus textos. A exemplo disso, ela afirma (1994, p. 47) “[...] o sujeito narrador entra na pele de Fradique, e desta forma, por intermédio de Fradique, faz-se imortal, grego, antigo, pagão, nu”.

Da mesma forma que com Fradique, acontece com Cristóvão: ele é um misto de panteísmo, paganismo, cristianismo, franciscanismo, budismo. Ele é o resultado de todas essas ideologias juntas. Essa novela, como dito anteriormente, revitaliza a lenda da vida de São Cristóvão, visto que quase não se sabe sobre sua vida real, inclusive se contesta sua existência.

Iniciamos nosso discurso à luz da voz eciana, apontando para o panteísmo. Agora daremos a ele a honra de concluir este trabalho, com uma afirmação sublime acerca da religião da natureza, que nada mais é que um mandamento do panteísmo: “é na natureza que se deve procurar a religião; não é nas hóstias místicas que anda o corpo de Jesus – é nas flores das laranjeiras” (QUEIRÓS, 1912, p. 112).

### **Referências**

KRISTEVA, Julia. Instances du Discours et Altération du Sujet. In: \_\_\_\_\_ . *Révolution du Language Poétique*. Paris: Editions du Seuil, 1974, p. 315-335.

NÓBREGA, Luiza. O fantasma em Fradique Mendes: fragmentação estratégica do sujeito e irrupção pulsional transgressora num texto de Eça de Queirós. In: REMEDIOS, Maria Luiza Ritzel (Org.). *Literatura confessional*. Porto Alegre: Mercado Aberto/PUCRS, 1994, p. 143-185.

QUEIRÓS, José Maria de Eça de. São Cristóvão. In: \_\_\_\_\_. *Últimas páginas: lendas de santos e escritos diversos*. Porto: Lello e Irmãos Editores, 1912, v. 17, p. 11-184.

\_\_\_\_\_. *Prosas bárbaras*. Porto: Lello e Irmãos Editores, 1912, p. 111-117.